

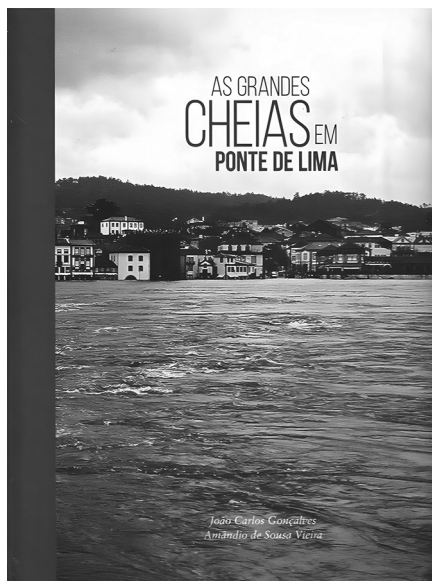
As grandes cheias em Ponte de Lima

João Carlos Gonçalves (texto)

Amândio de Sousa Vieira (fotografias)

— Ponte de Lima, Município de Ponte de Lima, 2025

Miguel Ayres de Campos Tovar^[]*



Espinha dorsal da região, via de comunicação e fonte de prosperidade, o Lima cantado por Bernardes e Feijó foi também, há que lembrá-lo, uma força feroz. Até bem recentes tempos, a sua ira sentia-se essencialmente na vila e arrabaldes, através da destruição que as cíclicas cheias imprimiam ao casario, às ruas, aos bens e aos negócios da população. Célebre ficou entre todas — pela dimensão, mas sobretudo por já ter sido documentada pela fotografia — a do Advento de 1909. Tendo em conta o seu impacto, a sua recorrência e o seu carácter sempre imprevisível, não admira que a fatalidade representada pelo fenómeno se tenha entrecosido tão estreitamente com o imaginário limiano, com a sua psique colectiva e até com a devoção das gentes locais (recordemos, a título de expressivo exemplo, aquela célebre relíquia do Santo Espinho legada por D. Leonel de Lima que, segundo a cronística franciscana,

os religiosos de Santo António faziam processionar solenemente pelas ruas do burgo a fim de sossegar as águas...). São afinal incontáveis as gerações de antepassados nossos que viveram no horizonte desta poderosa força natural, tão dádiosa como destruidora, e tiveram nela uma peça-chave da sua experiência. O legado que esta relação ambivalente com o rio configura é ele mesmo um património identitário, ou — por outras palavras — uma parte de quem somos.

Apraz-nos constatar que, fruto de longos anos de investigação por parte de João Carlos Gonçalves e do sempre rico aporte gráfico de Amândio de Sousa Vieira, a realidade histórica das cheias em Ponte de Lima encontra nesta publicação aquele que é o seu tratamento mais desenvolvido até ao momento. Acompanhando o flagelo ao longo da Época Moderna e da contemporaneidade, naturalmente com um ênfase especial na boa documentação disponível para o século XX, o panorama produzido ao longo das suas 199 páginas desdobra-se num manancial informativo de extraordinária riqueza, sem contudo perder de vista o equilíbrio e a agradável legibilidade do texto.

Ainda que o fio condutor dado à temática não seja à partida particularmente intuitivo, é ágil o encadeamento dos capítulos. Depois de quatro iniciais dedicados a mapear os desafios impostos à co-

munidade pela proximidade e perigos do rio — nomeadamente as tentativas de domar o seu caudal e de conter ou minorar os estragos causados pelo extravase — são focados, com notável expressividade, três momentos ou *quadros* históricos, a saber: “O Santo Espinho venerado em momentos de aflição”, sobre as esperanças depositadas pelo povo na já citada relíquia desde o século XVI; “A biblioteca do cardeal Saraiva”, registando a morte lenta sofrida por este valioso espólio à mercê das águas no lugar de Além-Ponte, onde havia sido descuidadamente armazenado; finalmente, “Quando Chaby Pinheiro saiu pela janela”, em torno da memorável cheia de 1929, coincidente com a estadia na vila do popular ator lisboeta. Seguem-se trechos propriamente cronológicos, convenientes à organização no tempo da informação recolhida sobre os diversos episódios de cheia, bem como da farta documentação recolhida. As páginas finais reservam-se para duas secções eminentemente gráficas, focando a relação das gentes com as águas indomadas nesses momentos de crise e a apresentação do tema nas artes visuais. Todo o livro, importa frisá-lo, se reveste de um especial brilho pelo verdadeiro tesouro de imagens que reúne, fruto de décadas de minucioso trabalho de recolha e registo por Amândio Vieira. Elevado ao estatuto de instrumento para o conheci-

mento aprofundado da realidade histórica, social e cultural da vila de Ponte de Lima, a fotografia é aqui pleno conteúdo e documento. Muitas das imagens disponibilizadas do seu imenso acervo são — estamos em crer — publicadas nestas páginas pela primeira vez, o que bastante incrementa o seu valor.

A nosso ver, nos termos sérios em que os autores tiveram o condão de o realizar, este é um contributo de que os estudos locais há muito careciam, ajudando a reconstituir um aspecto importante do viver colectivo. A abordagem empreendida soube compreender e valorizar, na sua polivalência, as expressões desta acidentada relação com o meio, bem como os seus múltiplos rastos na memória limiana; fê-lo entrecosendo destramente a historiografia com a etnografia e sociologia do fenómeno, numa composição equilibrada em que escrita e imagem cooperaram deliciosamente. O maior dos seus méritos é talvez a grande envolvência sócio-cultural que, em resultado, soem conferir à realidade descrita. O formato generoso e o cuidado acabamento gráfico impressos à edição, valorizadores da riqueza imagética reunida, representam uma mais-valia não despicienda e contribuem para produzir um belo espécime bibliográfico, que seguramente manterá a sua atractividade para os cultores do livro limiano num tempo longo.

Cumpre, finalmente, reconhecer à Câmara Municipal a oportunidade do patrocínio desta publicação, no ano em que se estão a comemorar os 900 anos da outorga do foral de D. Teresa Ponte de Lima, contribuindo deste modo para um enriquecimento substantivo da historiografia local.

[*] IHC — NOVA FCSH / IN2PAST.